

ENTRE SONS, CORES E MOVIMENTOS: A MÚSICA EM UM CONTEXTO DE DIVERSIDADE EDUCACIONAL¹

Maristela de Oliveira Mosca²

DOI: 10.30827/dreh.v0i11.6803

Abstract: From the argument that music is a place of meanings and that the energy which keeps alive and active the pedagogic-musical practices at the basic education school is established and nurtured through an educational *praxis* – action/reflection/action – we present in this essay some dialogues on musical doings in a diversified educational context. As we present a reflective report on the music of each one, the world music, the music and the arts and music an inclusion – aspects of diversity in the context of music in school, we give life to the narrative of experience music in diversity. Through these processes, we understand the musical, social, religion and human development domains of school diversity, and we seek a music curriculum that is sociocultural and understands the culture as a big code of the society. Thereby, while learning and teaching music within a reality of sociocultural diversity, which values the mobilizing power of culture in music education, is intended to create a musical educational where everyone has participation opportunities, as listeners, performers, improvisers and composers.

Keyword: Musical Education; diversity; interdisciplinarity; educational process

Resumo: A partir do argumento de que a música é um espaço de significados e que a energia que mantém viva e ativa as práticas pedagógico-musicais na escola de educação básica é criada e alimentada por meio de uma práxis educativa – ação/reflexão/ação – apresentamos nesse ensaio diálogos sobre os fazeres musicais em um contexto educacional diversificado. Ao apresentarmos um relato reflexivo sobre a música de cada um, a música do mundo, a música e as artes e música e inclusão – aspectos da diversidade no contexto musical escolar –, damos vida a narrativa de vivenciar música na diversidade. Nesses processos, compreendemos os âmbitos musicais, sociais, religiosos e de desenvolvimento humano da diversidade escolar, e buscamos um currículo de música que seja sociocultural, que entenda a cultura como um grande código da sociedade. Assim, ao aprender e ensinar música dentro de uma realidade sociocultural diversa, que valoriza o poder mobilizador da cultura na educação musical, pretende-se uma educação musical onde todos tenham oportunidades de participação, como ouvintes, *performes*, improvisadores e compositores.

Palavras-chave: Educação Musical; diversidade; interdisciplinaridade; processo educativo

Introdução

Cultura é a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística (Chauí, *apud* Cunha, 2014: 33).

Considerando a música como um espaço de significados culturais, expressão da realidade vivenciada por cada indivíduo e grupo social, a educação musical pode ser definida como a energia que mantém viva e ativa essas práticas, (re)criadas e (re)alimentadas por meio de uma *praxis* educativa – ação/reflexão/ação.

Uma *praxis* que reconhece a diversidade inerente ao contexto educativo e pretende vivenciar, contextualizar e (re)criar a música de cada um, a música do mundo e suas relações com o conhecimento escolar. Ao vivenciarmos música na diversidade, esse trabalho tem como objetivo dialogar sobre os fazeres musicais em um contexto educacional diversificado.

Em uma narrativa teórico-prática, nos fundamentamos em estudos de Queiroz (2004), Orff (2011), Regner (2011) sobre educação musical; Kramer (1998), Morin (2002) e Cunha (2014) sobre cultura e diversidade; Freire (1987), Gil (2000), Demo (2000), Young (2010) e Pacheco (2014) acerca de conhecimento, educação e currículo. Assim, nesse diálogo estruturamos o artigo em tópicos, que se entrelaçam e procuram estruturar textualmente nossas ideias sobre cultura, conhecimento e diversidade; a *praxis* educativa e um currículo sociocultural; e suas relações com o conhecimento e com a cultura.

Como conclusões, que não pretendem uma finitude sobre o assunto, mas um (re)conhecimento da necessidade da dialética sobre os processos de aprender e ensinar música, defendemos uma educação musical na diversidade, que não promove uma colonização cultural, a homogeneidade ou sonoridades estanques.

Sobre Cultura, Conhecimento e Diversidade

O homem é um ser cultural e, dessa forma, todas as suas atividades são permeadas de cultura e não vivem fora dela. Não existindo na abstração, “mas numa profusão imensa de expressões” (Cunha, 2014: 9), podemos definir cultura, a partir das afirmações de Queiroz (2004: 100) como “as escolhas feitas pelos humanos a partir dos significados que eles próprios estabelecem ao lidarem com a natureza, com o meio social e consigo mesmo”.

Códigos criados e vivenciados pelo homem em sociedade, se transmitem, transmutam e se consolidam no viver e se expressam. Esses “modelos formativos” (Kluckhohn *apud* Cunha, 2014: 10) são incorporados pelos indivíduos e corporalizados em suas ações, expressões e maneiras de fazer e sentir.

A cultura é criação do homem, um conjunto de aquisições intelectuais que dialogam e se relacionam, em um processo mútuo de aceitação, conversação e continuidade. Dessa forma, compreendemos que cada sujeito é o produto dessa vivência cultural, desses processos de corporalização dos modos de viver, compreender e se expressar.

Essa rede de fazeres, tecida por cada indivíduo no meio cultural em que vive e entrelaçada em sociedade, é composta pelo conhecimento. Conhecimento que se estabelece pela observação, recepção e interpretação. Sendo um produto social e histórico, o conhecimento se faz coletivamente, na partilha e busca do desvelamento da realidade (Freire, 1987).

Conhecer é estar e se fazer no mundo, partilhar descobertas e ser tocado pela descoberta do outro. Nessa partilha social, temos o conhecimento da tradição, que está ligado ao fazer cotidiano e suas formas de partilha e que, de acordo com Gil (2000), está regulado a contextualização e não isolamento. Dessa forma, esse conhecimento é compartilhado pela tradição social, oral e se apresenta de maneira particular em cada contexto.

Nesses processos que regem o homem em descobrir e desvelar, as culturas vão se moldando em seu tempo e espaço. Demo (2000: 60) diz que “os modos distintos, pelos quais as culturas obtêm conhecimento contribuem para serem as culturas que são”, revelando-se nesse modo próprio de obter conhecimento, que nos chega pelos saberes dos mais velhos, pelos costumes do entorno, mas também pelo saber sistematizado da escola.

Foi essa busca do conhecimento que levou a construção e sistematização de diversos espaços de aprendizagem, sendo a escola um deles. Pacheco (2014: 31) fala do conhecimento escolarizado, aquele que buscamos no espaço escolar:

O conhecimento escolariza-se a partir do momento em que são selecionados conteúdos, pertencentes a determinadas áreas do saber, em detrimento de outros, e cuja institucionalização educacional lhes confere um significado histórico-social, já que cada sociedade estabelece parâmetros específicos para a integração dos indivíduos no contexto de organizações formais.

Esse conhecimento escolar é então aquele selecionado a partir da produção humana no decorrer dos tempos, que melhor “representa” a sociedade e (in)forma o sujeito em sua trajetória de escolarização. Essa autoridade ideológica da mentalidade moderna (Gil, 2000) é que seleciona e organiza o conhecimento “mais poderoso” (Young, 2010) a ser transmitido pela escola. Gil (2000: 258) afirma que esse conhecimento da transmissão escolar, científico “refere-se a um saber supostamente sistemático e objetivo, em que paradoxos, lacunas, contradições, incertezas, desenvolvimentos fortuitos, desordem, desvios e impasses devem ser retroactivamente eliminados”.

Entretanto, os modos de viver, sentir, expressar e socializar o conhecimento se diferem, assim como as culturas. Muitos são os modos de ver e vivenciar a diversidade, muitos são os caminhos percorridos, e um deles é a escola – uma diversidade de culturas, saberes e fazeres. Podemos compreendê-la em uma conversação a nível micro, onde a diversidade ocorre entre indivíduos distintos que, mesmo fazendo parte de uma mesma comunidade, se manifestam de diferentes maneiras (Cunha, 2014).

Ao percebermos que os sujeitos são diversos mas não diferentes, compreendemos a diversidade como um possível diálogo entre as culturas pois, “enquanto não conseguirmos ver a diversidade, não cumprimos o desígnio da escola” (Cunha, 2014: 21).

Nesse diálogo procuramos, a partir de agora, situar e contextualizar a diversidade no âmbito escolar, a partir de uma narrativa teórico-prática que tem como eixo condutor a música – seus modos de ensinar e aprender.

A Praxis Educativa: um Currículo Sociocultural

No propósito de ensinar, a escola se vale da transmissão oral e escrita para compartilhar conhecimentos, vivenciando coletivamente os saberes acumulados pela humanidade. Podemos constituir os processos de ensinar e aprender na escola como a “cientificização da vida” (Demo, 2000: 67), que traz para o ambiente escolar os conhecimentos acumulados de maneira sistematizada ou não, a partir de escolhas sobre o que ou não ensinar/compartilhar.

A escola representa o encontro com o conhecimento sistematizado, selecionado para compartilhar os saberes e fazeres de determinada sociedade. A esses processos de escolha, de

organização, baseados no conhecimento, chamamos de currículo. Compreendendo a escola como uma instituição social, o currículo pode ser compreendido como produtor e produto de cultura (Burch, 2006).

Assim, concordamos com Sousa (2012: 16) quando diz que escolarização é quando a aprendizagem deixa “de ser natural e espontânea” e passa a ser “organizada por alguém”, ficando ao “serviço de superiores interesses de organização do Estado”. A seleção, organização e sequencialização do conhecimento são ditadas pelo currículo, processo esse denominado por Pacheco (2014: 31) de “transformação curricular”, que visa na maioria dos casos, atender às demandas das políticas educativas e do mercado vigentes.

Enquanto “decisão política”, o currículo atende a diferentes perspectivas e lentes até que chegue ao seu destino – a sala de aula. É uma construção que se inicia macro, a partir de decisões que são político-administrativas, “no âmbito da administração central”; perpassando por questões referentes à gestão, “no âmbito da escola e da administração regional”, até chegar à sua realização de fato, “no âmbito da sala de aula” (Pacheco, 2014: 68).

Nessa energia que move a educação musical – a *praxis* – encontramos um mundo musical diverso. Para compartilharmos esse mundo é necessária a (re)construção de um currículo que assuma a cultura como o grande código da sociedade, que reconheça a diversidade e veja a escola como uma sociedade multicultural. Assim, “a instituição escolar deverá ser um lugar onde possam coexistir diversas culturas, na diversidade e comunhão” (Cunha, 2014: 21).

Abarcamos a concepção de aprender e ensinar música dentro de uma realidade sociocultural diversa, onde compreendemos a educação musical como “um universo de formação de valores, que deve não somente se relacionar com a cultura, mas, sobretudo, compor a sua caracterização, ou seja, desenvolver um ensino de música **como** cultura” (Queiroz, 2004: 100).

Entre sons, cores e movimentos, temos como princípios uma educação musical na diversidade que trate a música como linguagem e, portanto, com signos e símbolos próprios; que centrase nos processos de vivenciar/fazer/compreender música; que dialogue com o projeto pedagógico da escola.

Como eixos condutores dessa prática temos a música de

cada um, a música do mundo, a música e as artes, a música e inclusão.

A Música de cada um

Compreendemos a música de cada um em duas dimensões: a preferência ou o repertório individual, as músicas apreciadas; e sua produção individual, a criação e *performance*.

A educação musical pautada na música eurocêntrica, branca e erudita não leva em conta o aprendente nos processos de apreciação e fazer musicais. A música ensinada/transmitida se pauta em programas pré definidos pelo professor ou por documentos oficiais, que não levam em conta a preferência ou a vivência musical dos alunos.

Uma educação musical na diversidade respeita a música de cada um, os conhecimentos musicais e as maneiras de fazer e se expressar musicalmente, é aprender e ensinar música dentro de uma realidade social. A música de cada um é o ponto de partida da educação musical, e nesses processos de apreciação, valorização e compartilhamento de diferentes formas de tocar e ser tocado pela música, ampliamos as relações que os alunos “já têm com a música, conduzindo-os a novas experiências, para que assim sejam capazes de estabelecer uma relação real entre música e cultura – música e vida” (Queiroz, 2004: 102).

Em sua outra dimensão, é oportunizar que todos os alunos sejam *performers* na aula de música – ao criar, ordenar e executar sonoridades diferentes. Assim, a importância do processo se faz “nos próprios descobrimentos e invenções: o jogo com os sons [...]” (Orff, 2011: 32).

A Música do Mundo

Trazer a diversidade musical do mundo para a sala de aula não pode ser uma atitude reducionista de transmitir conteúdos extramusicais a partir desse material, pois interessa “que as crianças e adultos possam aprender com a cultura e a arte guardadas nos livros, com os textos, com a história, com a experiência acumulada” (Kramer, 1998: 15).

Assim, vivenciar a música na diversidade é também compreender, respeitar e valorizar o universo musical de diferentes culturas, é reconhecer a diversidade dos sujeitos. É iniciar os processos de aprender e ensinar música pelo coração musical – pelo entorno, pelas raízes, para depois lançar-se a vôos sonoros

diversos, desenvolvendo “uma consciência e sensibilidade para a independência dos grupos culturais e sua igualdade de direitos no processo de diálogo” (Regner, 2011: 82).

A Música e as Artes

Ao corroborarmos com Orff (2011: 51), que afirma que a música “nunca é música sozinha, sempre está ligada ao movimento, a dança e a palavra, é uma música feita e vivenciada por si mesmo, onde não somos ouvintes e sim participantes”, vemos que ensinar música é uma ação interdisciplinar.

Compreendendo a interdisciplinaridade como uma atitude metodológica, aprender e ensinar música se apresenta na dialética com as outras artes e diferentes campos de experiência e conhecimento. Tendo como eixo condutor a música, o conhecimento contextualizado e construído se revela a partir dos saberes dos alunos, compreendendo a escola como um espaço de descobertas, conflitos e diálogos.

A música, as artes podem ser percebidas como uma demanda da natureza, pois vivemos em um mundo onde os fenômenos são cíclicos e simultâneos. Nesse mundo, a escola se constitui em um universo de saberes sistematizados, que são compartilhados com alunos, com o objetivo de ampliar o repertório de saberes de cada um. Assim, a ruptura disciplinar (Morin, 2002) acontece todas as vezes em que circulamos os conceitos e os saberes de determinada área de conhecimento (ou disciplina), que são convocados para responder a questões de investigação.

Música e Inclusão

A inclusão assume aqui o significado de pertencimento – pertencer ao grupo, pertencer ao lugar e suas culturas. Nesse entendimento vemos que a música, manifestação espontânea/intencional da expressão humana, é uma música para todos, uma música que se constrói coletivamente, na diversidade. Ao incluir nos preparamos para viver com o outro – a compartilhar, comungar – nos disponibilizando a controlar a crítica e os juízos de valor, afinal, “não devemos decidir o que é bom, valioso ou belo para os outros. As barreiras entre música séria e ligeira, entre canções artísticas e populares, entre *kitsch* e arte, são flexíveis. Tomar decisões pelos outros é inaceitável” (Regner, 2011: 87).

Tais pressupostos nos permitem aprender e ensinar música dentro de uma realidade sociocultural diversa, onde compartilhar

assume seu papel no contexto educacional.

Considerações finais: diálogos com o conhecimento e com a cultura

A música é uma representação de determinada realidade – dos modos de sentir, fazer e perceber o mundo. Dessa forma, existe na diversidade de sons, cores e movimento, que a fazem única em cada cultura, mas também universal na linguagem humana.

Se compreendemos as diferentes culturas como um conjunto de aquisições intelectuais e a música manifestação da expressão cultural, ensinar música na diversidade é promover a participação ativa de todos, como ouvintes, *performers*, improvisadores e compositores. É dialogar com diversos modos de fazer música, é relacionar-se com músicas do mundo, é aceitar e respeitar as culturas e dialogar com uma profusão de sonoridades.

Uma educação musical na diversidade não comunga com a colonização cultural, com a homogeneidade e com sonoridades estanques, pois como afirma Queiroz (2004: 104), “[...] independente do meio e da situação, uma educação musical só será significativa quando conseguir fazer da experiência musical uma experiência para a vida na sociedade e na cultura em geral”.

Assim, ao concluirmos nossas considerações, temos a clareza de que a educação desenvolve a individualidade em cada um, é um processo de humanização, mas também de unidade com o grupo social, com as diversas culturas, em um encontro com o outro. Ao valorizarmos a educação musical como base da educação, como formação humana e como acesso a diversidade, valorizamos a vida, a arte e o homem.

Bibliografia/ Referências

Burch, S. (2006). Sociedade da informação/Sociedade do conhecimento. Disponível em: <http://vecam.org/article519.html> Consultado em 25/02/2015.

Cunha, A. C. (2014). *Multiculturalismo e educação da diversidade crítica/crítica*. Santo Tirso: Whitebooks.

Demo, P. (2000). *Educação e conhecimento: relação necessária, insuficiente e controversa*. Petrópolis: Vozes.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido* (17 ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gil, F. (2000). Conhecer. En Romano, R. (Coord.), *Conhecimento* (253-287). Enciclopédia Einaudi, vol. 41. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Kramer, S. (1998). O que é básico na escola básica? Contribuições

para o debate sobre o papel da escola na vida social e na cultura. In Kramer, S.; Leite, M. I. F. P. (Coords.). *Infância e produção cultural* (11-24). Campinas: Papirus.

Morin, E. (2002). *Repensar a reforma, reformar o pensamento: a cabeça bem feita*. Lisboa: Instituto Piaget.

Orff, C. (2011). Reflexiones sobre la música con niños y aficionados. En Haselbach, B. (Coord.), *Textos sobre teoría y práctica del Orff-Schulwerk* (31-34). Vitoria-Gasteiz: Agruparte.

Pacheco, J. A. (2014). *Educação, formação e conhecimento*. Porto: Porto Editora.

Queiroz, L. R. S. (2004). Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, 10 (2004) 99-107.

Regner, H. (2011). Música para niños: comentários sobre la adopción y adaptación del Orff-Schulwerk en otros países. En Haselbach, B. (Coord.). *Textos sobre teoría y práctica del Orff-Schulwerk* (79-88). Vitoria-Gasteiz: Agruparte.

Sousa, J. M. (2012). Currículo-como-vida. En Paraíso, R. A. V.; Sales, S. R. (Coords.). *Desafios contemporâneos sobre currículo e escola básica* (13-24). Curitiba: Editora CRV.

Young, M. F. D. (2010). *Conhecimento e currículo: do socioconstrutivismo ao realismo social na sociologia da educação*. Porto: Porto Editora.

¹ ***Among sounds, colours and movements: Music within a context of educational diversity***

Recebido: 29/02/2016; Aceite: 02/05/2016

² Doutoranda.

Universidade do Minho (Portugal).

E-mail: maristelamosca@gmail.com